



RELATÓRIO FINAL

PROJETO:

**CONHECER PARA TRANSFORMAR: QUALIFICAR A
INFORMAÇÃO SOBRE O ABORTO SEGURO ENTRE
JOVENS DOS MOVIMENTOS SOCIAIS DE PERNAMBUCO,
BRASIL.**

APOIO:



RECIFE-PERNAMBUCO-BRASIL

OUTUBRO DE 2010



PROJETO:

Conhecer para transformar: qualificar a informação sobre o aborto seguro entre jovens dos movimentos sociais de Pernambuco, Brasil.

Responsabilidade da Iniciativa:

Grupo Curumim (curumim@grupocurumim.org.br)

Rua Pe. Capistrano, 118 - B. Campo Grande – Recife - CEP 52031 100

Fone: 55 81 3427 2023 – Fax: 55 81 3427 9100

www.grupocurumim.org.br - Twitter: gcurumim

Responsável: Paula Viana, Enfermeira (paulaviana@grupocurumim.org.br)

Assessora: Janaiky Pereira, Assistente Social (janaiky22@gmail.com)

Apoio e financiamento: Consorcio latinoamericano contra el aborto inseguro - CLACAI

Assessoria de comunicação e facilitadoras: Nataly Queiroz e Laís Ferreira

Relatoria: Camila Vieira.

Relatoria financeira e Auxílio administrativo: Neide Batista (neidebatista@grupocurumim.org.br)

Apoio técnico-administrativo: Cira Santos e José Carlos Batista

Apresentação

O presente texto trata-se do relatório final do projeto **“Conhecer para transformar: qualificar a informação sobre o aborto seguro entre jovens dos movimentos sociais de Pernambuco, Brasil”**. O projeto foi coordenado e executado pelo Grupo Curumim Gestação e Parto e teve como objetivos:

- ❖ Fomentar entre as mulheres jovens um debate acerca do impacto da ilegalidade do aborto na saúde e vida das mulheres e na efetivação de direitos e políticas públicas relacionadas aos direitos sexuais e direitos reprodutivos;
- ❖ Trabalhar a construção de material informativo sobre aborto por meio de oficinas com mulheres jovens e desenvolver e divulgar informações sobre o aborto e os serviços de atendimento ao abortamento legal.

O referido projeto foi desenvolvido durante o período de junho a setembro de 2010 e esteve organizado em diferentes etapas, desde a organização das oficinas e preparação de material até a realização das mesmas em duas etapas. A primeira oficina teve como foco o debate acerca da discussão sobre gênero, sexualidade, direitos sexuais e direitos reprodutivos, saúde e aborto. A segunda teve como tema principal a comunicação, com foco na discussão sobre mulher e imagem, além da construção do material informativo pelas participantes.

Este relatório contempla mais detalhadamente o desenvolvimento da segunda oficina e apresenta, em anexo, o material que foi produzido. Não retomaremos aqui o relato da primeira oficina, uma vez que isto já foi encaminhado no relatório parcial. No entanto, faremos uma avaliação geral do processo de desenvolvimento do projeto.

Sobre participantes

As participantes, conforme indicado desde a elaboração do projeto, são oriundas de diferentes espaços e regiões. No geral, não tivemos como contemplar a quantidade que havíamos planejado em decorrência da desistência de algumas jovens em dias anteriores a realização das oficinas por motivos de compromissos em suas escolas, trabalhos e/ou universidades. No entanto, consideramos que atingimos o objetivo que pretendíamos uma vez que a participação das jovens que integraram o projeto se deu de forma articulada, com envolvimento e possibilitou um aprendizado coletivo e uma rica troca de experiências. No segundo encontro, realizado nos dias 25 e 26 de setembro de 2010, conseguimos ordenar a vinda de mais duas jovens do interior do Estado, sendo uma da Comunidade Indígena Pankararu e outra da comunidade quilombola Conceição das Crioulas.

O perfil das participantes do projeto demonstra que as jovens são referências em suas comunidades, locais de trabalho e estudo, e muito podem ajudar as jovens de suas localidades através do apoio, solidariedade e repasse de informações sobre os direitos sexuais e direitos reprodutivos. Duas participantes, uma de comunidade negra de quilombo e outra de comunidade indígena, são também aprendizes de parteiras tradicionais, e o projeto pode possibilitar a melhoria da atenção às mulheres desses povos tradicionais. No total, participaram do projeto, 16 jovens.

| N | Participante | Idade | Raça | Escolaridade | Situação conjugal/Filhos | Movimento/grupo que faz parte | Município |
|----|-----------------------|---------|-------|-------------------------|---------------------------|---|-----------|
| 01 | Adriely da Silva | 20 anos | Negra | Ensino médio completo | Solteira | Grupo Quebra cabeça | Recife |
| 02 | Juliana da Silva | 24 anos | Negra | Ensino médio completo | Solteira | Grupo Quebra-Cabeça | Recife |
| 03 | Alexandra Galdino | 27 anos | Negra | Ensino médio completo | Com companheiro/04 filhos | Mov. feminista e Grupo Cidadania Feminina | Recife |
| 04 | Alessandra Fernandes | 17 anos | Negra | Ensino médio incompleto | Solteira | Grupo Cidadania Feminina | Recife |
| 05 | Liliane do Nascimento | 18 anos | | Ensino médio completo | Solteira | Grupo Cidadania Feminina | Recife |
| 06 | Alzirene da Silva | 28 anos | Negra | Ensino médio completo | Casada / 02 filhos | Grupo de Teatro Loucas de Pedra | Recife |

| | | | | | | | |
|----|--------------------------|---------|----------|-------------------------|----------------------------|---|---------------------------|
| | | | | | | Lilás. | |
| 07 | Cícera da Conceição | 22 anos | Negra | Ensino médio completo | Solteira/ 01 filho | Comunidade Quilombola Conceição das Crioulas – Aprendiz de Parteira tradicional | Salgueiro |
| 08 | Luzinete Ana de Oliveira | 19 anos | Negra | Ensino médio incompleto | Solteira / 01 filho | Comunidade Quilombola Conceição das Crioulas | Salgueiro |
| 09 | Helenice da Silva | 22 anos | Negra | Ensino médio completo | Solteira | Comunidade Quilombola Brejo de Dentro - Liderança do grupo Jovem. | Carnaíba |
| 10 | Ednalda Monteiro | 20 anos | Indígena | Ensino médio completo | Solteira | Comunidade Pankararu Liderança do grupo de jovens | Saco dos Barros - Jatobá |
| 11 | Sucrécia Monteiro | 25 anos | Indígena | Ensino médio completo | Casada / 03 filhos | Comunidade indígena Pankararu Agente Indígena de Saúde e aprendiz de Parteira Tradicional | Saco dos Barros – Jatobá. |
| 12 | Maria Jaira dos Santos | 21 anos | Indígena | | solteira | Comunidade indígena Pankararu | |
| 13 | Keyla de Araújo | 19 anos | Negra | Ensino médio completo | Com companheiro / 01 filha | Grupo Jovens do Grupo Curumim | Recife |

| | | | | | | | |
|----|--------------------|---------|--------|---------------------|----------|--|--------|
| 14 | Mayara de Mello | 22 anos | Branca | Superior incompleto | Solteira | ABRAPSO-PE Associação Brasileira de Psicologia Social | Recife |
| 15 | Nathália Diorgenes | 21 anos | | Superior incompleto | Solteira | Movimento feminista e Movimento estudantil. | |
| 16 | Priscilla Cordeiro | 23 anos | Branca | Superior incompleto | Solteira | Movimento Feminista | Recife |

Desenvolvimento da 2ª Oficina.

“Tem informação, mas não pode repassar. Falo escondidinho”.

Debate sobre comunicação.

O primeiro dia de oficina teve como tema geral: A comunicação como direito humano e seu papel na garantia dos direitos das mulheres. A facilitadora iniciou o debate indagando para as participantes qual a concepção delas sobre o que é comunicação. Dentre as repostas estavam a comunicação como: “Direito de se expressar sem ser recriminado”; “Relação entre as pessoas”; “Diálogo” e “Forma de se expressar”.

Após as respostas iniciais, dialogou-se sobre a comunicação como um processo mais amplo do que o repasse de informação, assim como o processo político da comunicação e essa como estratégia política de trabalho. Falou-se sobre a concepção de redes de comunicação e os monopólios. Como exemplo, foi abordado o caso do Brasil, onde 09 famílias detêm a maioria das concessões públicas de veículos de comunicação.

No momento em que a facilitadora da oficina dialogava sobre como os meios de comunicação atuaram no período da ditadura militar no Brasil, uma jovem comentou que nunca havia escutado e não sabia nada sobre a ditadura militar, demonstrando que a qualidade do ensino público não vem sendo realidade para as jovens das comunidades mais isoladas.

Em seguida, foi exibido o vídeo “Levante sua voz” (http://www.direitoacomunicacao.org.br/content.php?option=com_content&task=view&id=5756), que aborda um pouco da história de como a comunicação é repassada e veiculada na sociedade, articulando com o debate sobre o direito humano à comunicação. Ainda neste momento dialogou-se sobre mulher e comunicação e sobre a imagem da mulher na mídia.

PERGUNTA: Como se sentem para falar sobre o tema do aborto?

“Eu me sinto mal em saber do assunto e não poder falar”

Foi perguntado para as participantes como elas se sentiam para falar sobre o tema do aborto e a maioria respondeu que é um tema difícil de ser abordado, assim como houve relatos sobre vivências acerca da temática. Transcrevemos abaixo algumas respostas.

“Eu estava discutindo e achavam que eu tinha feito. Eu me sinto bem. Minha monografia (na universidade) é sobre aborto, mas antes eu era contra a legalização”.

“Eu me esforçava para entender. É um debate difícil até porque eu era muito religiosa, espírita”.

“Vivenciei uma situação e vi que uma mulher que estava no hospital e o médico deixava ela sofrendo e sentindo dor porque ela estava em uma situação de abortamento. Esta situação fez com que eu refletisse sobre a vida das mulheres”.

“Perdi amigas por causa de falar sobre isso”.

“Eu sou a favor da legalização do aborto. Eu uso camisas que falam isto e as pessoas ficam me olhando no ônibus”.

“Eu procuro ver os dois lados: o melhor é que as mulheres tenham o bebê, porque as ervas medicinais ou é tudo ou nada se tomar demais”.

“É difícil colocar a vida das mulheres em risco, mas se disserem que estão grávidas os pais botam pra fora de casa.”

“É muito difícil trabalhar com o tema do aborto lá. Inclusive morreu uma lá por conta de abortamento”. Pankararu.

“Se vier uma de lá pra cá e souber que veio fazer o aborto não entra mais nem dentro da casa dos pais. A cultura não aceita esse tipo de abortamento. Lá existem causas de depressão por conta do abortamento. Se culpam por conta da moral”. Pankararu

“Teve dois casos na minha família. Fiquei coagida de falar de qualquer coisa. Foi um momento difícil. Meu pai até hoje fica dizendo que minha mãe tem um passado pecaminoso. Minha mãe fez 04 abortos. É uma prática que as mulheres fazem há muito tempo. Meu pai não deixava minha mãe tomar anticoncepcional nem se prevenir”.

“Mulher não faz aborto, toma um chazinho para a menstruação descer”.

“Teve um caso em que a mulher chegou no posto de saúde às 07h30 da manhã e deixaram ela sentada esperando até as 12h. Atenderam 12 pessoas na frente dela e ela sangrando. A mulher estava quase morrendo e não atenderam ela porque disseram que ela causou o aborto”.

“Na escola onde eu estou estudando o diretor e as pessoas são muito católicas. Na escola teve uma campanha contra o aborto que mostrava para as pessoas o bebê sendo destruído. Apenas passava o filme e não tinha debate”.

“Uma mulher quase veio a falecer porque passou 02 dias com hemorragia e ela por fazer escondido não procurou apoio. Na minha comunidade o que mais tem é planta abortiva”.

Após estes relatos foi dialogado sobre como a cultura interfere na vida das mulheres e perguntou-se para as participantes o que elas caracterizavam como cultura. Nas respostas estava a cultura como: “Identidade de um povo”; “Acesso a nossa história”; “Expressão”; “Conjunto de valores, de crenças”; “Dança” e “Tudo de valores de antes até agora”.

Foram exibidas/apresentadas várias músicas para falar sobre estas como um produto cultural. Muitas delas discriminam a imagem da mulher ou as desqualificam. Também foram expostas propagandas de canais de TV assumidamente machistas e propagandas que utilizam a exibição do corpo das mulheres, sobre o argumento da liberdade sexual. Falou-se também sobre a ligação política entre meios de comunicação e grupos que estão governando, e que existem alguns temas, como o do aborto, que são difíceis de serem abordados pela mídia porque vão contra o interesse de grupos religiosos.

Leitura de textos/ notícias de jornais: identificar os argumentos sobre direitos sexuais e reprodutivos; argumentos contrários e favoráveis

As participantes foram divididas em grupos e analisaram matérias de jornais e revistas. Elas identificaram nesses textos quais os argumentos utilizados nas reportagens acerca dos direitos sexuais e reprodutivos. Desta forma puderam perceber como os jornais passam as informações acerca desta temática. Em seguida, dialogou-se coletivamente sobre as reportagens e o que cada grupo identificou.

Elaborando o material informativo

O segundo dia de oficina teve como tema Mulher e mídia radical: rompendo barreiras. No primeiro momento foi exibido o filme *Pequena Miss Sunshine* (*Little Miss Sunshine* EUA, 2006, Diretores: Jonathan Dayton e Valerie Faris). Em seguida, foram apresentadas as formas de mídias alternativas com foco principal na apresentação de *fanzines* (folhetos alternativos) para que as participantes pudessem conhecer sobre sua produção.

Após este momento inicial, as participantes foram divididas em dois grupos para organizarem o material que seria produzido, com a possibilidade das jovens construírem a forma

como elas consideravam que o mesmo deveria estar estruturado, assim como quais temas gostariam que estivessem presente no informativo e de que forma.

O grupo 01 trouxe a importância de que o material abordasse os temas de gênero, com fotos e frases curtas e com imagens dentro de um globo. Argumentaram que chegar com o material diretamente falando sobre aborto causaria impacto negativo na comunidade, quando ainda nem se discute o papel das mulheres e dos homens.

O grupo 02 trouxe os temas da sexualidade, do conhecimento do próprio corpo, da maternidade como decisão livre das mulheres e a desconstrução da visão destas simplesmente como reprodutoras, assim como da importância do aborto seguro.

Sobre o material como um todo se suscitou a ideia de que o *fanzine* também tivesse um box com a indicação dos serviços de atendimento ao aborto legal e orientações.

No momento de debate sobre a construção do material as jovens também relataram sobre as dificuldades em relação ao acesso a informação e serviços de atendimento que contemplem os direitos sexuais e reprodutivos. Um relato que consideramos importante registrar aqui é a dificuldade que as mulheres indígenas enfrentam para terem acesso a métodos contraceptivos.

“Teve um tempo que foi proibido no hospital fazer laqueadura das mulheres que eram índia. Índio que for índio é para parir. Este era o argumento e a FUNAI dava apoio”.

“Não tem distribuição de anticoncepcional para a população indígena quem quer tomar precisa comprar. A FUNASA diz que a prefeitura é para repassar e a prefeitura diz que é de responsabilidade da FUNASA”.

No segundo horário da oficina as jovens continuaram divididas em dois grupos para a elaboração do *fanzine* com imagens e conteúdos. O resultado deste trabalho é apresentado em anexo deste relatório.

Atividade não prevista:

Visita ao Centro Integrado de Saúde Amaury de Medeiros (CISAM) - Serviço de Atendimento à mulher vítima de violência sexual e de Aborto Legal

Uma das poucas referências em atendimento à mulher vítima de violência sexual, o Centro Integrado de Saúde Amaury de Medeiros (CISAM), no Recife, capital do Estado de Pernambuco, tem sido parceiro do Movimento Feminista desde a década de 1990. Faz parte do Campus da Universidade de Pernambuco, e conta com serviços de atenção à saúde reprodutiva, com uma maternidade que é referência para todo o Estado.

O CISAM foi o serviço que, em março de 2009, acolheu e realizou o procedimento de aborto legal na menina de Alagoinha, de nove anos de idade, violentada desde os seis anos e grávida de gêmeos do padrasto. Este caso foi emblemático para expor a situação de ameaça que as mulheres brasileiras vem sofrendo, principalmente as jovens pobres, as negras e as índias.

A visita ao serviço foi realizada no horário da manhã. Fomos recebidas por uma Assistente Social e ela informou acerca do serviço, como era que as mulheres chegavam e como era o processo do atendimento. A medida que ela ia explicando as jovens iam fazendo perguntas.

Sobre os temas que a Assistente Social abordou, ela comentou que os profissionais acham o tema do aborto desconfortável e nem todos os médicos realizam o procedimento. Tem médicos que se negam a fazer. Explicou também que após o acolhimento analisam qual método será utilizado para o abortamento, de acordo com a idade gestacional das mulheres.

Há no Serviço uma capacitação interna e sensibilização dos profissionais que atuam na efetivação do atendimento. O Serviço Social geralmente é o primeiro atendimento que as mulheres recebem ao chegar à Unidade, a não ser que elas cheguem em situação emergencial de atendimento médico, então primeiro é feito o atendimento clínico e depois volta para o Serviço Social.

Muitas vezes estas mulheres já vêm encaminhadas do Instituto Médico Legal (IML). O Serviço tanto atende a mulheres do Recife quanto de todo o Estado. Também recebe casos encaminhados pelos Conselhos Tutelares de Crianças e Adolescentes.

A Assistente Social ainda informou que não é necessária a apresentação do Boletim de ocorrência para as mulheres realizarem o Aborto Legal que nos casos de gravidez de anencefalia necessita vir com o laudo médico.

Avaliação da Visita ao Serviço de Abortamento Legal:

“Eu não sabia nem que existia este espaço. Eu achei que era sempre clandestino”.

A avaliação da visita pelas jovens foi feita após a atividade do dia e elas falaram o que consideravam mais importante no aprendizado. Transcrevemos abaixo algumas respostas:

“O mais importante é a forma que ela [Assistente Social] atende a paciente, pois acompanha sem julgamento”.

“As informações passadas foram muito importantes principalmente o atendimento às vítimas de violência e os procedimentos para interrupção da gravidez”.

“Foi muito bom conhecer o lugar e também apesar do tema ser muito polêmico, ouvir coisas que eu nunca tinha visto falar e tinha dúvida, mas depois da palestra fiquei feliz, mas queria ter visitado as salas que tinha o material”.

“Serviço importante na garantia dos direitos reprodutivos. Relevante por estar no campo da saúde pública, que possui atendimento universal. Contudo a não visitação das instalações não permitiu a identificação mais aprofundada dos *déficits* ou vantagens do programa, embora a disposição da profissional tenha contemplado grande parte das dúvidas”.

“Para mim foi muito bom, até porque eu não sabia que existia este serviço. É muito importante saber que já existia e continua, pois muita gente não conhece o serviço. É uma vitória para as mulheres”.

“Para mim foi bom porque eu não conhecia a maternidade e o que considero importante é que sei indicar quando uma mulher precisar do serviço”.

Avaliação da Oficina

A avaliação do processo da oficina foi desenvolvendo-se de forma contínua em momentos diferenciados e contemplou tanto as impressões sobre a visita ao CISAM, conforme explicitado acima, quanto sobre o aprendizado acerca das temáticas trabalhadas com foco na comunicação. Indagando quais os pontos que elas consideravam que foram mais importantes para seus conhecimentos, assim como se aprenderam algum tema ou informação que não sabia? Se sim, qual? Conforme viemos desenvolvendo no decorrer do relatório apresentamos as respostas das jovens:

“Acredito que todas nós sairemos com uma enorme bagagem de conhecimentos que será multiplicado nas comunidades”.

“O mais importante foi quando debatemos sobre o aborto e a sexualidade e vários outros temas que achei importante”.

“Aprendi a diferença entre descriminalização e legalização do aborto”.

“Conhecer acerca dos meios de comunicação para a conquista de concessões públicas e caráter deste direito humano. O debate sobre comunicação interessa a toda a sociedade, pois todos e todas deveriam compreender o ciclo percorrido pelas notícias que recebemos”.

O mais importante foi “a fala sobre aborto, pois tem muitas mulheres com muito medo de falar”.

“Ver a comunicação com outros olhos, ou seja, interpretar o lado bom e o lado ruim da comunicação”

**Como você avalia seus conhecimentos/aprendizagem sobre o direito humano a comunicação?
(Muito, Pouco ou Razoavelmente)**

(04) Muito. Porque?

“Pois estas oficinas só me fez acreditar mais ainda do quanto o direito humano a comunicação é tão importante na vida de todos nós”.

“Porque aprendi muitas coisas que não sabia e também tirei minhas dúvidas que estava martelando na minha cabeça”.

“Por ser algo tão comum em nossas vidas, os meios midiáticos acabam passando por osmose valores deturpados para a população, valores esses que reproduzem preconceitos e discriminação. Abordar e discutir essa temática é importante para problematizar estas questões”.

“Gostei muito porque vim com muitas duvidas, mas aprendi e tirei as minhas dúvidas”.

(04) Pouco

“porque tenho sede de saber mais e buscar outros caminhos e tenho vontade de ser uma multiplicadora”.

“eu já tinha aproximação da discussão, no entanto, a reafirmação das relações entre gênero e comunicação enriqueceu a discussão mais ampla sobre direitos humanos e sua indivisibilidade”.

“sempre existe alguma coisa a qual desconhecemos e através das informações adquiridas aqui podem ser repassadas para outras pessoas”.

“porque nunca sabemos tudo e sempre fica a desejar mais informações”

(01) Razoavelmente

“O tempo foi curto, mas aproveitei cada minuto do curso. Posso hoje afirmar que ampliei meus conhecimentos, foi ótimo, levo bastante bagagem.

Perguntamos as jovens se a oficina contribuiu para que elas conhecessem mais sobre os temas que foram abordados desde a primeira oficina e o resultado é que como as oficinas se deram de forma interligada os temas perpassaram ambas, possibilitando o aprofundamento do conhecimento em todas as temáticas embora se tenha priorizado, neste momento, o debate sobre comunicação.

Esta oficina contribuiu para você conhecer mais sobre:

(06) Gênero

(06) Sexualidade

(07) Direitos sexuais e Direitos reprodutivos

(09) Aborto

(08) Comunicação

() Outros

Anexo 01 – Programação da 1ª Oficina

Data de realização: 20 e 21/08/2010

Conteúdos: Gênero, direitos sexuais e reprodutivos, saúde e aborto.

Metodologia: Exposição de conteúdos, dinâmicas, trabalho em grupo e exibição de filmes.

Parte 1 – Apresentação das participantes e da proposta do projeto; diálogo sobre os temas de gênero, sexualidade, direitos sexuais e reprodutivos. 20/08/2010

| Horário | Atividade proposta | Metodologia | Material necessário |
|----------------|--|---|---|
| 08:00h | Inscrição das participantes | - Preenchimento da ficha de inscrições e boas-vindas. - Entrega do material (pasta) para as participantes. | Folhas de inscrição, canetas e pastas ordenadas |
| 08:30 | Apresentação da proposta do projeto e qual será nossa metodologia de trabalho. | Exposição dialogada da proposta e apresentação em data show, contendo a metodologia (atividade individual e em grupo) | |
| 08:40h | Apresentação das participantes | Construção dos crachás – nome e algum símbolo ou elemento que as identifique e por que. | Tarjetas coloridas, pincéis, fio de lã e giz de cera. |
| 09:10h | Dinâmica censo da desigualdade. | Para dar continuidade ao conhecimento/identificação das participantes e introduzir a temática de gênero, raça e classe. - Participantes se colocam em linha reta e dão passos a frente ou atrás de acordo com a identificação dos temas apresentados pela facilitadora. | |
| 09:30h | Dialogando sobre gênero | Clip sobre gênero seguido de debate. Após o clip fazer um debate sobre a vida das mulheres. Como é a realidade vivenciada por nós mulheres: desigualdade, exploração, violência, repressão e como as jovens vivenciam sua condição de mulher jovem nas comunidades onde residem. | Data show, computador, DVD. |
| 10:10 | Leitura de texto “refletindo sobre gênero” e diálogo coletivo. | Dividir em 5 grupos e cada uma lê um caso diferente. Após a leitura as pessoas do grupo apresentam para o coletivo e dialogam sobre o caso. | |
| 11:00 | Intervalo para lanche | | |

| | | | |
|-----------------------|---|--|---|
| 11:20 | Conversando sobre sexualidade. | <p>Iniciar debate falando sobre sexualidade e como as relações de gênero interferem na vivência da sexualidade diferenciada para homens e mulheres.</p> <p>- como a juventude vivencia a sexualidade: conhecimento do corpo, masturbação, relação sexual, prevenção.</p> <p>- conceituar sexo, sexualidade e identidade sexual</p> <p>- Lâminas de fotos ou troca de saberes</p> | |
| 12:00 | Exibição do filme | “Minha vida cor de rosa” | |
| 13:00 às 14:00 | Intervalo para almoço | | |
| 14:00h | Dinâmica de energização | Massagem coletiva e roda de energia | |
| 14:30 horas | Conversa sobre direitos sexuais e reprodutivos. | <p>- Apresentação em slides</p> <p>- o que são direitos sexuais e reprodutivos e porque lutamos por estes direitos.</p> <p>- Como estes direitos foram construídos nas Conferências.</p> <p>- quais as principais barreiras para vivenciar estes direitos: conservadorismo, religião.</p> | Banners dos direitos sexuais e reprodutivos |
| 16:00h | Exibição de filme seguido de debate | O crime de Padre Amaro | |
| 17:30 | Avaliação | Falar sobre o que sentiu e o que aprendeu durante o dia. | |

Parte 2 – Trabalhar com o tema do aborto a partir do conhecimento da realidade vivenciada pelas jovens em suas comunidades. 21/08/2010

| Horário | Atividade proposta | Metodologia | Material necessário |
|----------------|-----------------------------|---------------------------|---------------------------------|
| 08:30 | Dinâmica sobre coletividade | Utilizar balões e palitos | Balões de ar e palitos de dente |
| 09:00h | Dialogando sobre saúde, | Cuidados com a saúde | Apresentação em |

| | | | |
|-------------------------|--|---|-------------------------------|
| | com enfoque na saúde da mulher. - Anatomia e fisiologia - Planejamento familiar | - chuva de perguntas direcionadas: nós conhecemos nosso corpo como um todo? Sabemos como funciona? Nossos órgãos sexuais e sistema reprodutivo. - dificuldade de acesso aos serviços médicos. | data show. |
| 10:00h | Conversando sobre as dúvidas e impressões a respeito do aborto. Dialogar sobre aborto a partir dos elementos e perguntas trazidas pelas jovens. | Desmistificar tabus. Esclarecer sobre o que é falso e o que é verdadeiro no debate sobre aborto. - colocar como uma prática que não é atual, mas que é feita de diversas maneiras pelas mulheres a muito tempo. Caixinha de perguntas: dúvidas e inquietações. | |
| 11:00 | Exibição de vídeos relacionados a temática Debate após o vídeo | Vídeo das loucas. | Vídeo, data show e computador |
| 12:00 | Censo sobre aborto Exibição do vídeo: vá pensando aí: IPAS | Direcionamento de perguntas... Você conhece alguém que: Já fez aborto? Que adoeceu? Que morreu? Que foi presa? | |
| 12: 30 às 14:00h | Intervalo para almoço | | |
| 13:00 | Visita a um serviço de abortamento legal | | |
| 14:00h | Dinâmica de integração | | |
| 14:30 | Explicação: o que é aborto: tipos e técnicas. Apresentação de dados sobre a realidade do aborto para jovens. | Exposição dialogada - dados dos dossiês e as últimas pesquisas. - falar sobre aborto inseguro e aborto legal. - informar sobre os serviços de abortamento legal e as condições para acesso a estes serviços. | |
| 17:00h | Avaliação, encerramento e acordo para a data da próxima oficina. | | |

Anexo 02 – Programação da 2ª Oficina

Data de realização: 25 e 26/09/2010

Conteúdos: Direito à comunicação e direitos das mulheres

Metodologia: Educomunicação; Exposição de conteúdos; Trabalho em grupo e exibição de filmes.

Parte 1 – A comunicação como direito humano e seu papel na garantia dos direitos das mulheres.
25/09/2010

| Horário | Atividade proposta | Metodologia | Material necessário |
|-----------------------|--|--|---|
| 08:00h | Recepção das participantes | - Boas-vindas. - Entrega do material (pasta) para as participantes. | Folhas de inscrição, canetas e textos de reflexão |
| 08:30 | Apresentação da proposta do projeto e qual será nossa metodologia de trabalho. | Exposição dialogada da proposta e apresentação em data show. | Data show, computador |
| 08:40h | Apresentação das participantes | Entrevista em duplas; apresentação da entrevistada. | Papel e caneta |
| 09:10h | Apresentação do vídeo “Levante sua voz” | | Data show; computador |
| 09:30h | Dialogando sobre direito humano à comunicação | Exposição dialogada sobre o termo; monopólio dos veículos e o uso das mídias contra/a favor ao direito das mulheres. Exibição de propagandas. | Data show, computador, DVD. |
| 10:20h | Exibição do vídeo “A revolução não será televisionada” (Colocar o lanche para elas) | – Exibição – Breve debate | |
| 12h | Um pouco da história da comunicação | Divididas em cinco grupos, elas irão ler textos sobre a construção dos oligopólios de mídia no Brasil e sua influencia sobre as mulheres, em especial as negras. - Abrir para roda de diálogo | Textos |
| 13:00 às 14:00 | Intervalo para almoço | | |
| 14:00h | Alongamento | Alongamento em dupla | |
| 14:30 horas | Provocação: Música como produto cultural | Pout-porri de sucessos bregas que versam sobre a mulher como objeto. | Data show, computador. |

| | | | |
|--------------|---|--|-------------------------------------|
| | | Roda de diálogo Exposição dialogada: a mulher objeto com exibição do vídeo sobre a mulher produto | |
| 15h30 | Dinâmica: identificando os direitos nos jornais | - Divididas em quatro grupos, elas irão identificar em jornais e revistas violações e/ou avanços na garantia dos direitos das mulheres (com ênfase nos direitos sexuais e reprodutivos). – Reconstruir as páginas dos jornais ou revistas de forma propositiva. – Apresentação | Cartolina, hidrocor; cola; tesoura. |
| 17h | Avaliação | Falar sobre o que sentiu e o que aprendeu durante o dia. | |

Parte 2 – Mulher e mídia radical: rompendo barreiras. 26/09/2010

| Horário | Atividade proposta | Metodologia | Material necessário |
|---------------------|--|---|---|
| 08:30 | Recepção e dinâmica de grupo – Dança livre | | Caixas de som e computador; vendas para os olhos. |
| 09:00h | Vídeo: A pequena Miss Sunshine | | Data show; computador |
| 11:00h | Mídia Radical: a experiência dos Funzines | Exposição dialogada sobre Mídia Radical; - Distribuição de Zines: breve análise do material e instruções de elaboração dos zines. | |
| 12:00:00 | Elaborando o projeto do zine | Dividas em grupos editoriais: de texto; fotografia; design e edição, elas irão elaborar o protótipo do zine das jovens - Reunião de pauta: apresentação das propostas de temas; demanda para o pessoal da fotografia; design e edição. | Câmeras fotográficas; revistas; jornais; tesoura; cola; computadores. |
| 12h40 às 14h | Almoço | | |
| 14h | Retorno: Mãos a obra | Produção dos textos; fotos; seleção das imagens; montagem do protótipo de | Câmeras fotográficas; |

| | | | |
|--------------|--|--|---|
| | | página em corel. Revisão dos textos; orientações de imagem. | revistas; jornais; tesoura; cola; computadores. |
| 16h | Montagem do zine | | |
| 16h30 | Avaliação do processo e do produto Apresentação de dados sobre a realidade do aborto para jovens. | | |

Anexo 3 – Questionário de avaliação do primeiro dia de encontro: 25/09/2010



Projeto: Conhecer para transformar: qualificar a informação sobre o aborto seguro entre jovens dos movimentos sociais de Pernambuco, Brasil.

Recife- PE

AVALIAÇÃO

25/09/2010

Fale um pouco sobre as suas impressões acerca do serviço de atenção ao abortamento Legal visitado hoje (CISAM) e o que considera importante neste aprendizado.

Sobre o debate de comunicação quais os pontos que você considera que foram mais importantes para seus conhecimentos? Aprendeu algum tema ou informação que não sabia? Se sim qual?

Realização:



Apoio:



Projeto: Conhecer para transformar: qualificar a informação sobre o aborto seguro entre jovens dos movimentos sociais de Pernambuco, Brasil.

Recife- PE

**AVALIAÇÃO
26/09/2010**

Como você avalia seus conhecimentos/aprendizagem sobre o direito humano a comunicação.

() muito () pouco () razoavelmente

Por quê? _____

Esta oficina contribuiu para você conhecer mais sobre:

() Gênero

() Sexualidade

() Direitos sexuais e Direitos reprodutivos

() Aborto

() Comunicação

() Outros _____

O que você achou da...

1. Metodologia?

2. Conteúdo?

Sugestões e Críticas: _____

Anexo 5 – Imagens das oficinas











